

OS
SONH
ADOR
ES

Dramaturgia de Diogo Liberano | Co-Dramaturgia de Dominique Arantes
Versão #21 | 17 de março de 2016

A partir do romance *The Dreamers* de Gilbert Adair
Tradução do original por Juliana David

Dramaturgia escrita em Vassouras e no Rio de Janeiro
De janeiro a março de 2016

Filhos da época¹

Somos filhos da época
e a época é política.

Todas as tuas, nossas, vossas coisas
diurnas e noturnas,
são coisas políticas.

Querendo ou não querendo,
teus genes têm um passado político,
tua pele, um matiz político,
teus olhos, um aspecto político.

O que você diz tem ressonância,
o que silencia tem um eco
de um jeito ou de outro político.

Até caminhando e cantando a canção
você dá passos políticos
sobre um solo político.

Versos apolíticos também são políticos,
e no alto a lua ilumina
com um brilho já pouco lunar.
Ser ou não ser, eis a questão.

Qual questão, me dirão.
Uma questão política.

Não precisa nem mesmo ser gente
para ter significado político.
Basta ser petróleo bruto,
ração concentrada ou matéria reciclável...
Ou mesa de conferência cuja forma
se discutia por meses a fio:
deve-se arbitrar sobre a vida e a morte
numa mesa redonda ou quadrada.

Enquanto isso matavam-se os homens,
morriam os animais,
ardiam as casas,
ficavam ermos os campos,
como em épocas passadas
e menos políticas.

Wisława Szymborska (1923-2012)

¹ SZYMBORSKA, Wisława. *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 7-8.

Espaço e Tempo da Ação

O dentro (de um apartamento) e o fora (numa cidade). Toda a ação ocorre agora, em tempos mais políticos que em épocas passadas.

Personagens

Dois irmãos gêmeos de 17 anos (Isabelle e Théo) e um novo amigo, estrangeiro, de 18 anos (Matthew).

Cenas

1. FECHADA A CINEMATECA
2. SONHO DE MATTHEW
3. CORRIDA PELO LOUVRE
4. SÓ UMA MANIFESTAÇÃO
5. O ISQUEIRO BANAL
6. UM INTERLÚDIO EXPRESSIVO
7. MANHÃ E REMELAS
8. MATAR A MATURIDADE
9. CHUVA E MÚSICA
10. PRENDA E MASTURBAÇÃO
11. MONSTRO TRÊS COSTAS
12. MAIS UMA INTIMIDADE
13. A RUA ENTRA
14. PARIS PAREDES PICHADAS
15. A ÚLTIMA MANIFESTAÇÃO
16. CINEMA REALIDADE INTOLERÁVEL

1. FECHADA A CINEMATECA

Os três, a caminho da Cinemateca.

MATTHEW – Não achei nada demais.

THÉO – Então por que vai assistir de novo?

MATTHEW – Porque vocês me convidaram, não foi?

ISABELLE – Exatamente. Você é muito inteligente.

THÉO – Para com isso. Não vê que ele odeia?

ISABELLE – Ele adora um elogio.

MATTHEW – Eu sei que você me despreza...

ISABELLE – Ao contrário! Eu acho você a pessoa mais bacana que a gente já conheceu em toda a nossa vida. Você é terrivelmente agradável.

THÉO – Não presta atenção no que ela fala. Ela é assim desde o dia em que nasceu. Sufoca qualquer um que esteja por perto, mas aguenta ela um pouquinho que eu vou ali falar com um amigo.

Théo se afasta deles, em direção a um conhecido em frente à Cinemateca.

ISABELLE – Esse daí, com quem ele fala, tem cheiro de merda.

MATTHEW – Você o conhece?

ISABELLE – Seria demais para mim. Até porque a situação é pior. Se merda fizesse cocô, então seria esse o cheiro desse cara.

MATTHEW – E ele tem nome?

ISABELLE – Por favor, não me faça dar nome a um punhado de merda!

Théo retorna, apressado.

THÉO – O curador da Cinemateca foi deposto!

MATTHEW – Por quem? Quem faria isso?

ISABELLE – Alguma merda ele fez, com certeza...

THÉO – Parece que o Ministério da Cultura demitiu ele, faz poucas horas.

MATTHEW – Isso quer dizer que a Cinemateca está fechada?

ISABELLE – Isso quer dizer que o nosso programa furou.

THÉO – As pessoas estão se concentrando aqui para um protesto.

ISABELLE – Desnecessário! A Cinemateca vai reabrir amanhã mesmo.

THÉO – Desnecessário?!

ISABELLE – Talvez até hoje à noite! Vocês vão ver...

MATTHEW – E o que a gente faz agora?

ISABELLE – Eu odeio multidão.

THÉO – Eu estou com fome.

ISABELLE – Vamos encontrar um lugar para comer nossos sanduíches.

MATTHEW – Vocês trouxeram sanduíche de casa?

THÉO – Qual é o problema?

ISABELLE – Não é porque você paga um sanduíche que ele seja saudável.

MATTHEW – Você tem razão. Nunca tinha pensado nisso.

ISABELLE – Você quer dizer que concorda comigo?

MATTHEW – Sim. Não?

ISABELLE – Quando duas pessoas concordam em algo, obrigatoriamente, uma delas está sendo redundante!

THÉO – E qual é o problema?!

ISABELLE – Vai começar a chover.

THÉO – Você vai para o hotel?

MATTHEW – É o único lugar para onde eu posso ir.

ISABELLE – Isso foi uma indireta?

MATTHEW – Como assim?

ISABELLE – Você ficou vermelho.

MATTHEW – Fiquei?

THÉO – Deixa ele em paz!

ISABELLE – Te deixaremos no metrô. Ajuda?

MATTHEW – Pode ser, se não for um incômodo.

ISABELLE – Vamos embora! Odeio clima quando ele encosta em mim.

Partem, entre os pingos que se precipitam.

2. SONHO DE MATTHEW

Matthew, em frente a um espelho, num pequeno quarto de hotel.

MATTHEW – Eu passei a noite inteira pensando quando a gente se encontraria de novo, já que a Cinemateca estava fechada. Eu dormi de calça jeans. É realmente bom isso de estar longe de casa. Ninguém para te atormentar, ninguém para te dar o mínimo de cuidado. Tudo por conta própria. Até sonhei coisas que nunca havia sonhado: eu estava numa calçada aguardando o sinal abrir para atravessar. Então eu o vi. Um cara fisicamente perfeito. Eu olhei para ele – magnetizado – e pronto, foi ali naquele instante que meus olhos se encheram de uma lágrima que meu corpo nunca tinha produzido. Lágrimas que só mesmo um tipo de beleza tão tremenda faria nascer. O sinal abriu e o cara veio caminhando em minha direção, só que eu não consegui me mover porque eu percebi que ele tinha algum tipo de distúrbio neurológico que o fazia caminhar com passos truncados, meio patético, tipo um palhaço. E então meus olhos misturaram às lágrimas de beleza o tipo de lágrima mais comum de todas: as lágrimas da pena. Eu quis atravessar a rua, agarrar aquele cara – era só um menino doente – e sacudi-lo. Beijá-lo na testa e ensiná-lo a caminhar normalmente, como todos os homens faziam. Eu quis salvá-lo, eu quis curá-lo! Não era possível que um homem tão lindo andasse daquele jeito! E então eu o agarrei no meio da multidão que, de súbito, começou a lançar pedras sobre o coitado. E eu gritava a todos: mas o coração dele está no lugar certo! Vejam! Só que ninguém via a beleza que lhe restava. Não! Bravejavam. O coração dele está no lugar errado! E então as pedras também começaram a me atacar. E sobre o asfalto, juntos, nós fomos assassinados! Ele no meu colo, os olhos lindos, quase fechando. E eu o protegendo até o fim, quando começamos a levitar rumo ao insondável, tal como anjos em direção às estrelas, como numa vinheta ruim de um estúdio de cinema qualquer; nós dois juntos, apesar de separados.

O telefone do hotel toca. É manhã. Matthew acorda.

3. CORRIDA PELO LOUVRE

Matthew, sentado numa mureta, espera Théo, atrasado há trinta minutos.

ISABELLE – Que cara é essa?

MATTHEW – Achei que jamais veria vocês novamente.

ISABELLE – Ou achava que só veria o meu irmão?

MATTHEW – Nem pensei nisso.

ISABELLE – Mentiroso.

THÉO – Todos os cineastas que doaram seus filmes para a Cinemateca não autorizaram o governo a exibi-los. Ou o governo traz o curador de volta, ou não vai ter o que exibir!

MATTHEW – Isso quer dizer que amanhã a gente não se vê mais?

ISABELLE – Isso quer dizer que precisamos ver algum filme.

THÉO – Não tem nada passando agora. E se tentarmos outro cinema, vamos chegar atrasados para a sessão das seis e meia na Cinemateca.

ISABELLE – Você está louco? A Cinemateca está fechada!

THÉO – Ora, mas não foi você mesma que disse – com toda a certeza – que a Cinemateca reabriria no máximo até hoje à noite? Outra coisa: ele me convidou para tomar um drink e se você está se sentindo pouco importante, paciência, em algum momento isso acontece na vida de todo mundo.

ISABELLE – Pois então eu quero ir à Cinemateca só para ver a sua cara de idiota quando perceber que ela continua fechada! Será que você não se dá conta de quão patético você é? Pergunte a ele. Ele não é patético? Meu caro irmão, não é porque a gente tenha nascido juntos, com uma hora e meia de diferença, que a gente compartilhe a mesma inteligência.

Matthew não sabe o que dizer, nem como reagir.

THÉO – Então não devemos ir à Cinemateca em hipótese alguma?

ISABELLE – Eu tenho uma proposta mais intrigante.

THÉO – Fala logo, sua insuportável.

ISABELLE – Qual seria o filme de hoje na Cinemateca?

MATTHEW – Até eu sei.

THÉO – Fala o que você está tramando!

MATTHEW – Quem não sabe? Todo mundo sabe.

ISABELLE – Eu proponho que a gente quebre o recorde do filme, nós três, e corra pelo museu sem ser pego pelos seguranças.

MATTHEW – Você está louca!

THÉO – Caralho, você é foda, minha irmã!

ISABELLE – Nove minutos\

THÉO – E quarenta e três\

MATTHEW – Segundos! Não, não, eu não posso\

THÉO – Sim, você pode! É óbvio! Se a Cinemateca não pode mostrar os filmes, tudo bem então, a gente vive os filmes!

MATTHEW – Gente, eu não acho uma boa ideia! Isso é sério!

ISABELLE – Sério é você ir para o seu hotel e perder os únicos amigos que você encontrou nesse país e que te aceitaram do jeitinho como você é.

THÉO – É claro que isso é sério! Mais que isso: é um gesto político!

MATTHEW – Político?! Tudo bem ser feito por vocês que são daqui, mas eu não! Eu sou imigrante, estrangeiro, forasteiro! E se me prenderem?\

ISABELLE – Você não vai ser preso!

MATTHEW – Como você pode ter certeza?

ISABELLE – Porque no filme\

THÉO – Os três personagens não são presos!

ISABELLE – E mais! Se a gente quebrar os nove minutos e quarenta e três segundos, então, ainda podemos passar na lojinha do museu e comprar um souvenir para a sua família\

MATTHEW – A ideia é realmente legal\

THÉO – Ela tem razão. É uma questão de lógica\

ISABELLE – E é um teste, meu amor. Você quer passar ou reprovar?

Isabelle e Théo somem de vista, correndo. Matthew fica, suspenso.

MATTHEW – Se era o museu mais famoso do mundo, com obras dos artistas mais consagrados, nem importava, porque naquela tarde era eu quem assinava tudo aquilo, éramos nós três. E fizemos tudo virar pintura impressionista, pintada no calor da correria. Nós atravessamos o museu acordando seguranças e dispersando grupos imensos de turistas. E tudo então se misturou e ganhou movimento: madonas dançando com meninos Jesus, crucificação de naturezas já mortas, querubins despencando de nuvens fofas, Monalisa mais vesga do que sempre fora. Eu tenho certeza que as obras nos viram passar, eu tenho certeza que estátuas – congeladas faz séculos – mexeram seus olhos, tomadas pelo vento de nosso intempestivo passeio. Definitivamente, naquela tarde, eu descobri um modo mais interessante de apreciar um museu de arte. Foi a primeira e última vez que eu entrei ali.

THÉO – Peguem o filme, acelerem a cena em que os três correm pelo museu e deixem sobrar ainda alguns vários segundos. Nós fomos mais rápidos que o filme. E mais importante\

Os irmãos voltam suados e com as faces avermelhadas. Isabelle avança sobre Matthew e o beija na boca. Em seguida o abandona. Théo estende a mão ao jovem amigo, mas Matthew – tomado pela impulsividade do momento – também o beija na boca. A irmã observa com atenção o encontro dos dois.

MATTHEW – Eu preciso ir.

THÉO – Então tchau.

MATTHEW – Tchau...

THÉO – Tchau...

MATTHEW – Ok, então...

THÉO – Você cozinha?

ISABELLE – Você sabe que não.

THÉO – Não perguntei você.

ISABELLE – Eu sei.

MATTHEW – Eu?

THÉO – Você. Tem coisas para cozinhar?

ISABELLE – No seu quarto xexelento. Tem descascador de legumes?

MATTHEW – Só uma cama e uma parede amarela descascando.

THÉO – E como você vai jantar?

MATTHEW – Eu posso comer qualquer coisa na frente do hotel ou esconder um sanduíche – comprado na rua – dentro do casaco e comer no quarto. Ou nós três podemos jantar\

ISABELLE – Lá em casa?

MATTHEW – Não foi isso o que eu quis dizer\

THÉO – Você quer jantar lá em casa?

MATTHEW – Eu não quis dizer isso\

ISABELLE – Sim, venha.

MATTHEW – Isso é um convite?

ISABELLE – Já está na hora de você conhecer nossos pais.

MATTHEW – Pensei que vocês nunca me convidariam.

Os três partem rumo ao apartamento em que vivem os dois irmãos.

4. SÓ UMA MANIFESTAÇÃO

Théo, dentro do apartamento, espiando a rua através da cortina que cobre a janela fechada.

THÉO – Algumas coisas não se repetem. Outras, no entanto, é preciso repetir exaustivamente, a fim de que não se esqueça. Naquele fim de noite, logo que saímos correndo do museu, passamos em frente à Cinemateca. Só que não foi possível sequer chegar perto tamanha a quantidade de gente e de policiais. Debaixo das árvores sem folhas estavam estacionadas três vans cinza-granito da polícia militar. Não era bem a polícia militar. Era uma polícia outra, inventada para conter a força das manifestações que aconteciam cada vez mais em nossa cidade. Policiais com coletes de couro descansavam na calçada, acariciando cinicamente suas armas de efeito moral. Antes de irmos embora, porém, ouvimos um protesto, uma pequena manifestação em frente à Cinemateca, encabeçada por atrizes, atores e diretores de cinema. Impossível não lembrar das palavras finais, que diziam: os inimigos da cultura reconquistaram este bastião da liberdade: a Cinemateca. Não se deixe enganar. A liberdade é um privilégio que não se dá, mas que se toma. Todos aqueles que amam o cinema – aqui e em qualquer outro lugar do mundo – estavam ali, naquela noite, tomando posição a favor do curador da Cinemateca, recém demitido. Exceto nós três. Que apesar de cientes do que acontecia ao nosso redor, preferimos jantar em casa, acompanhados da ilustre presença insuportável de meus pais.

Ele fecha a cortina com brusquidão.

5. O ISQUEIRO BANAL

Os três, sentados ao redor da mesa, após o jantar.

ISABELLE – Ele gostou de você.

MATTHEW – Seu pai?!

THÉO – Ele gosta de todo mundo, sobretudo se não for os filhos dele.

MATTHEW – E a sua mãe?

ISABELLE – Quer saber se ela gostou de você?

MATTHEW – Não. Eu quis dizer: ela é?... Ela faz o quê?

THÉO – É a musa inspiradora do grande poeta que o papai acha que é.

MATTHEW – Entendi...

THÉO – Ele é um hipócrita.

MATTHEW – Eu não achei.

ISABELLE – Claro que não achou. Você está no papel de concordar com tudo. Se discordar, corre o risco de perder a nossa amizade, não é isso?

MATTHEW – Ela sabia exatamente o que eu estava sentindo.

THÉO – Você consegue fingir, por uma hora, ser alguém razoável?

ISABELLE – Não nessa família.

MATTHEW – Eu realmente gostei dele. Dos dois. Seus pais são legais.

ISABELLE – Os pais das pessoas sempre nos parecem mais legais do que os nossos. Mas, de alguma forma, os nossos avós são sempre mais legais que os das outras pessoas.

THÉO – Que papo profundo esse, não?

ISABELLE – Queremos falar de algo mais profundo?

THÉO – Desde que não seja você, já teremos algo no mínimo intrigante\

ISABELLE – Então só o estrangeiro pode falar alguma coisa aqui. Aliás, aquilo que você disse para o nosso pai foi extremamente revolucionário.

MATTHEW – Revolucionário?! Foi sincero. Só isso.

ISABELLE – Sei...

THÉO – Foi mesmo. Pena que meu pai estragou tudo e quis roubar a atenção de volta para a grande carreira dele que nunca existiu.

MATTHEW – O que ele disse foi fabuloso.

THÉO – Aquilo que ele disse?

MATTHEW – Foi!

ISABELLE – O que ele disse mesmo?

THÉO – Você disse que quando você jogou o isqueiro sobre a toalha de mesa, ele caiu em diagonal ao quadriculado da toalha. Foi quando você notou que o isqueiro tinha exatamente o mesmo comprimento da diagonal dos quadrados. Aí depois, você colocou o isqueiro em um dos lados do quadrado e descobriu que ele terminava exatamente onde começava o outro quadrado da toalha quadriculada. Aí você arrematou: ora, senhor, não é a primeira vez que eu observo esse tipo de beleza. Isso sim foi incrível!

ISABELLE – Ele não disse beleza!

THÉO – Disse sim!

ISABELLE – Foi harmonia.

THÉO – Você nem estava ouvindo!

ISABELLE – Eu não preciso olhar para ouvir!

THÉO – Foi beleza\

MATTHEW – Foi harmonia!

THÉO – Foi harmonia?

MATTHEW – Foi.

THÉO – Beleza... O mais importante foi você dizendo: é como se tudo no mundo, senhor, tivesse uma quantidade limitada de medidas. Como se qualquer objeto fosse do mesmo tamanho que os outros. Como se existisse uma unidade global – talvez cósmica – de formas, tamanhos e medidas.

ISABELLE – Aí foi quando meu pai precisou reconhecer que você era mais inteligente do que ele.

MATTHEW – Ele interpretou o que eu disse de maneira brilhante, eu nunca tinha pensado naquilo. Ele disse que via a minha descrição como uma metáfora para a nossa sociedade. Ele disse que se vemos a sociedade da superfície, então ela é só um grande caos, mas se olharmos de cima, de certa forma tudo se encaixa.

THÉO – E o que mais ele disse?

MATTHEW – Foi isso.

THÉO – Não, não. Depois ele disse outra coisa.

MATTHEW – Não lembro.

ISABELLE – Foi a melhor parte de todas. A parte em que ele destrói os filhos na frente do novo amigo desconhecido que acabou de chegar.

MATTHEW – Ah, sim, aquilo foi delicado, mas\

THÉO – Mas o quê?

MATTHEW – Eu meio que concordo com ele\

ISABELLE – Eu sabia! Imita ele, por favor!

MATTHEW – O quê?!

ISABELLE – Imita meu pai, por favor? Acabando com a nossa raça!

MATTHEW – De jeito nenhum!

THÉO – Vai voltar para o hotel?

ISABELLE – Você pode dormir aqui.

THÉO – Ou voltar para o hotel.

ISABELLE – Quer dormir aqui?

MATTHEW – Ok!

ISABELLE – Você faz o meu pai, eu faço o meu irmão e você faz a minha mãe, ou seja, não faz nada.

MATTHEW – E quem faz você?

ISABELLE – Ninguém. Eu estava do lado de fora, só observando.

Théo se ergue, curioso com a proposta da irmã, e se afasta um pouco da mesa, ao redor da qual Isabelle e Matthew estão sentados, se encarando.

MATTHEW – Veja bem: meus filhos acreditam – assim como eu na idade deles – que esse estado de rebeliões que vivemos agora é uma ameaça ao nosso sistema. Eles pensam que essas demonstrações, essas manifestações – como vocês dizem – têm a capacidade de mudar alguma coisa.

Isabelle estala os beiços, assim como Théo fez na conversa com seu pai.

MATTHEW – Eu sei que você se opõe, filho. Mas o que você não entende, nem sua irmã, é que o nosso sistema precisa desses conflitos para continuar existindo. Superficialmente, vocês acham que essas manifestações podem desfigurar o que está instituído, mas a verdade é que tudo isso só reforça o que já está estabelecido. A nossa sociedade precisa desses conflitos assim como um monopolista precisa de competidores: só assim ele será monopolista.

ISABELLE – Pai, então o que você está dizendo é que se o curador da Cinemateca foi deposto, nós não devemos fazer nada?! Se imigrantes são deportados o tempo inteiro, se estudantes são espancados porque querem que suas escolas continuem abertas, se as pessoas que moram nessa cidade, nesse país, são privadas de suas liberdades, nós então devemos ficar calados?

MATTHEW – Um pouco de prudência não machuca ninguém. Antes que você possa mudar o mundo, você precisa, primeiro, entendê-lo. Compreender o seu lugar dentro do mundo e não do lado de fora, como um mero observador.

ISABELLE – Do lado de fora?! Eu não estou do lado de fora, você é quem está do lado de fora! Você se recusou a assinar uma petição contra a guerra\

MATTHEW – Poetas não assinam petições. Poetas assinam poemas.

Théo entra no jogo, gritando contra Matthew.

THÉO – Uma petição é um poema, pai!

ISABELLE – Espera! A mamãe não falou nada durante o jantar!

THÉO – Eu estou repetindo o que eu disse ao papai!

MATTHEW – Uma petição é um poema. Você disse. E o que ele respondeu?

THÉO – E um poema é uma petição. Ele escreveu isso. Ele escreveu essas palavras! Como é possível um ser humano, nessa idade, ter o cinismo de escrever uma coisa dessas e ser tão contrarrevolucionário?

Estão os três, agora, de pé, ao redor da mesa.

6. UM INTERLÚDIO EXPRESSIVO

Matthew, atravessando um corredor escuro, na ponta dos pés.

MATTHEW – Foi tirando a roupa que eu editei, nas minhas retinas, um documentário que somente eu assistia: a corrida pelo Museu, o risco de as obras irem ao chão, os beijos que trocamos, o pai deles, sua mãe, eles, mas, sobretudo: nós. Só que não dava para editar meu filme, porque faltava tudo o que não tinha acontecido ainda e assim eu dormi, acariciado pelas imagens de um projeto que só existia comigo. Onde eu estava? Quarto de hóspedes. Nem sequer água. Eu despertei. Precisava ir ao banheiro. Vesti-me. Saí do quarto. Ponta dos pés. Uma porta entreaberta à esquerda e dentro: uma banheira, uma pia e prateleiras com toalhas. Não havia privada! Urinar na pia: um costume para quem há meses morava num hotel miserável. Voltei ao corredor. Perdido. Ponta dos pés. Outra luz me chamou. Empurrei a porta e então meus olhos! Atravessados por uma imagem, uma pintura única, complexa, coisa ainda não inventada. Ela: esparramada, sobre a cama, meio coberta, corpo meio torcido, cabelos sobre o travesseiro, uma mecha sobre a boca me chamando para mergulhar junto e ao fundo. Ele: ao lado dela, ele, metade do corpo a partir da virilha por baixo da coberta, barriga ao céu, tornozelo à mostra, pendurado para fora da cama como uma faca. E eu: parado, parvo, perplexo, como um ladrão de obras de arte que no ato do roubo se apaixona por um quadro e frente a ele se ajoelha, completamente rendido. Eu, virgem, como quem vê a beleza pela primeira vez e tenta acompanhar o rumo de cada linha. Onde estava o resto que o cobertor me escondia?

Ele pisa numa madeira que range alto e, apavorado, volta ao quarto.

7. MANHÃ E REMELAS

Matthew dorme sob o lençol, apenas de cueca. Encostada à cama, já faz alguns minutos, Isabelle o observa com atenção. Ele abre os olhos e se assusta.

ISABELLE – Não fale nada. Eu dou as ordens aqui.

Com a língua entre os lábios, ela retira as remelas dos olhos de Matthew.

ISABELLE – Bom dia!

MATTHEW – O que foi isso?

ISABELLE – Eu estava removendo o sono dos seus olhos.

MATTHEW – Há quanto tempo você está aqui?

ISABELLE – Suas remelas são bem amarelas, sabia?

MATTHEW – Que coisa estranha de se fazer no outro.

ISABELLE – Meu irmão adora. Toda manhã eu faço isso com ele.

MATTHEW – Mais estranho ainda.

ISABELLE – Eu magoei você?

MATTHEW – Foi difícil arranjar uma desculpa para afastá-la de mim. Eu estava de cueca. E ela de robe. As coxas brancas aparecendo e desaparecendo a cada movimento dela sobre a cama.

Isabelle se ergue bruscamente, puxando o lençol de Matthew. Ele o segura com rapidez e violência.

MATTHEW – Não faz isso!

ISABELLE – Acorda! A casa está de pé!

MATTHEW – Por favor, eu não estou vestido!

ISABELLE – Qual é o problema?

MATTHEW – Por que os homens acordam sempre com uma ereção?

ISABELLE – Levante agora ou vai apanhar!

Ela pula da cama e perambula pelo quarto de hóspedes, passando entre os móveis e espanando suavemente toda a poeira com a ponta dos dedos, como se tivesse um espanador nas mãos. De súbito, declama:

ISABELLE – Oh! No futuro, em minhas lembranças, terei vivido muito neste quarto!

MATTHEW – Muito fácil...

ISABELLE – Então diga: quem e em qual filme?

MATTHEW – Filme de 1933\ a rainha Christina abdica do trono da Suécia\ na época, um país protestante\ ela tinha se convertido ao catolicismo\ destaque para as cenas de amor\ eles chegaram a contratar outro ator, sabia?\ não rolou química entre ela e ele\ mesmo assim pagaram o cachê dele, sabia?\ mas não rolou\ sabia que foi ela então que escolheu o novo ator?\

ISABELLE – E você? Sabia que existem regras? Eu não te perguntei o ano do filme, a sinopse, os detalhes de produção, as fofocas dos bastidores, nem quem recebeu quanto e quem deixou de receber. Eu só perguntei quem e em qual filme. Da próxima vez, lembre-se das regras antes de responder.

MATTHEW – Mas eu sei as respostas!

ISABELLE – Então aprenda as regras! O banheiro fica no final do corredor, primeira à esquerda. Temos uma ala particular só para a gente. É assim que a coisa funciona aqui.

Ela sai do quarto batendo a porta. Ele se ergue, se veste e arruma a cama.

MATTHEW – Não foi sonho o que vi naquela madrugada. Ela acabara de dizer que ela e o irmão tinham “uma ala particular só para gente”. Será que eles sempre dormiam juntos na mais perfeita impunidade? Romeu e Julieta mal-afortunados não por pertencerem a duas, mas a uma mesma família?

Ele segue em direção ao banheiro.

8. MATAR A MATURIDADE

Matthew volta ao banheiro da madrugada. Os irmãos vestem apenas as roupas de baixo. Théo se barbeia enquanto Isabelle corta as unhas dos pés.

THÉO – Ele chegou no banheiro sem remelas nos olhos.

MATTHEW – Demorei a sair do quarto por causa da ereção.

ISABELLE – Por que as unhas crescem? Para quê?

THÉO – Ele chegou completamente vestido.

MATTHEW – Eles vestiam a mesma roupa, de algodão branco.

ISABELLE – Vocês não vão se dar bom dia?

THÉO – Ela tirou as remelas dele. Tenho certeza.

MATTHEW – Merda! Nada poderia ser mais calculado para me excitar.

THÉO – Bom dia. Aqui está.

MATTHEW – A protuberância na cueca dele e a curva triangular da calcinha dela.

THÉO – Pode usar o barbeador, eu já usei.

MATTHEW – Bom dia. Obrigado.

THÉO – Serve para a fazer a barba.

MATTHEW – Eu sei para que serve.

THÉO – Você, obviamente, se barbeia, não se barbeia?

MATTHEW – Como assim “obviamente”?

ISABELLE – Mentira?!

THÉO – Sério que você ainda não faz a barba?

MATTHEW – Como assim “ainda”?

ISABELLE – Deixa eu ver!

Os irmãos encurralam Matthew contra a porta do banheiro. Suas mãos avançam sobre o rosto do estrangeiro, que se esquivava.

MATTHEW – Me deixem em paz! Qual é o problema? Eu não tenho barba direito. Qual é o problema?

Isabelle faz questão de soltar um risinho.

ISABELLE – Nenhum. Nosso pai só foi virar homem depois dos vinte anos.

THÉO – Estávamos confinados dentro do banheiro.

MATTHEW – E o que isso tem a ver?

THÉO – Ele começou a escovar os dentes.

ISABELLE – Barba pode demorar a nascer, o que não pode é aí embaixo.

THÉO – Enfiando e tirando o dedo da boca.

MATTHEW – O que não pode aqui embaixo?

THÉO – Babando espuma branca como se estivesse morrendo.

ISABELLE – Não ter pelos. Aí embaixo. Tem que ter. Você tem?

THÉO – Ela apontou para o pau dele. Eu também olhei.

MATTHEW – Puta merda!

ISABELLE – Por que essa cara? É só uma pergunta.

Matthew sai correndo do banheiro. Théo o segue e o intercepta no corredor.

MATTHEW – Como sai daqui?

THÉO – Não precisa ir embora.

MATTHEW – Meus lábios estavam tremendo.

THÉO – Ele tinha pasta de dentes escorrendo pela boca a fora.

MATTHEW – Eu quero ir embora.

THÉO – Ei, espera, deixa eu te falar.

Théo limpa com um dedo a pasta de dentes sobre o lábio de Matthew.

THÉO – Eu já te disse que ela é assim mesmo.

MATTHEW – Por que ele limpou minha boca?

THÉO – Daqui a pouco você se acostuma.

MATTHEW – Tarde demais, eu vou embora.

THÉO – Você nem tomou café da manhã.

MATTHEW – Detesto tomar café da manhã!

THÉO – Fica aqui, eu te convido.

MATTHEW – E ele nem tinha tanta barba assim!

THÉO – Eu te convido. Nossos pais viajaram hoje cedo. Vão ficar um mês fora. O apartamento é todo nosso. Você tem mesmo que voltar para o hotel? Por acaso você pagou adiantado?

MATTHEW – Não.

THÉO – Então fica. Minha irmã vai gostar se você ficar.

MATTHEW – Uma ala do apartamento específica para os pervertidos!

THÉO – Obviamente, eu também iria gostar se ele ficasse.

MATTHEW – Seria um erro se eu ficasse.

THÉO – Fica.

MATTHEW – Também seria um erro voltar para o hotel.

THÉO – Ele demorava um minuto entre uma fala e outra.

MATTHEW – Que eu escolha então o erro mais grave de todos.

THÉO – E me olhava atento, apesar de estar noutro lugar.

MATTHEW – Eu fico.

THÉO – Não falamos mais nada.

MATTHEW – Eu queria perguntar a ele se raspar a barba não é justamente um gesto contrário ao de amadurecer e virar homem. Seu corpo explode em pelos e você faz o que, você os corta?! Como se eles não existissem?!

THÉO – Você quer me dizer alguma coisa?

MATTHEW – Eu preciso comprar uma escova de dentes.

THÉO – Eu divido a minha com você. Se você não se importar.

Isabelle surge no corredor.

ISABELLE – Desculpa. Eu estou sendo sincera. Eu sou escrota desde o dia em que nasci e sei que você me menospreza, mas (talvez ele pudesse me revelar algo que eu ainda não sabia sobre mim) eu fico feliz que você vai ficar.

Ela avança até ele e o beija na testa.

9. CHUVA E MÚSICA

Entre uma página e outra do romance que lê, Isabelle mira os meninos entretidos com as enciclopédias de cinema.

ISABELLE – Meus pais se orgulham do meu fascínio pelos livros. Pensam que é um hábito deles que sobreviveu em mim. Eles viajam, como acabaram de fazer, e acham que eu fico aqui, nesta mesma poltrona, lendo os romances que eles, provavelmente, nunca leram. E é verdade, eu faço exatamente isso, eu leio tudo, incessantemente, mas não para acumular obras lidas nem para esgotar a bibliografia de um autor. Eu leio romances porque quanto mais eu leio, mais eu aprendo a desconfiar do mundo. Porque tem sempre mais do que aquilo que vemos naquilo que vemos, por isso eu leio: para aprender a encontrar o invisível que mora dentro de cada fato legível. Por exemplo: esses dois aí, se olharmos para eles agora, brincando de charadas sobre cineastas e películas, diríamos não se tratar de nada especial. É verdade. Talvez não seja mesmo. Mas o que não é tão visível assim, aquilo que mora dentro do jogo que eles jogam, isso é o que me interessa\

THÉO – Pelo amor de Deus, troca esse disco!

ISABELLE – Eu estou ouvindo.

THÉO – Você está lendo!

ISABELLE – E ouvindo música. E pensando na infantilidade de vocês. E orgulhosa com a minha capacidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo\

THÉO – Desliga essa merda!

ISABELLE – Você ama essa música que eu sei!

THÉO – E você está assassinando o meu amor por ela\

ISABELLE – É a trilha do filme que ele mais assistiu em toda a vida dele. É patético. Conta para ele. Ele não só assistiu esse filme oito vezes, como tem uma foto da protagonista emoldurada no quarto, acredita nisso?

MATTHEW – Acredito.

ISABELLE – Acredita mesmo?

MATTHEW – Sim, eu vi a foto. Tem uma moldura oval.

ISABELLE – É. Vocês são mais interessantes quando estão em silêncio.

THÉO – Então desliga essa merda\

ISABELLE – Não vou desligar!

Théo avança sobre a vitrola. Isabelle se ergue da poltrona e se coloca na frente do aparelho. Seu irmão avança sobre ela e ela o embarreira.

MATTHEW – Não é possível que vocês estejam brigando por isso!

THÉO – Desliga ou eu quebro essa merda!

ISABELLE – Você está excitado, é isso?

MATTHEW – Ele empurrou a irmã. Ela esbarrou na vitrola e pronto!

ISABELLE – Se ele tivesse calculado não teria conseguido!

THÉO – Era essa a ideia, eu juro!

ISABELLE – Porque a agulha emperrou e a gente ficou ouvindo\

THÉO – A mesma frase do mesmo refrão\

MATTHEW – Repetidas vezes\

Os irmãos sustentam o duelo em frente à vitrola, emperrada.

ISABELLE – Em que filme uma agulha fica emperrada num disco?

MATTHEW – Eu sabia a resposta. E ela sabia disso. O que ela queria era pretexto para começar um jogo que só depois ficaria interessante de verdade!

ISABELLE – Acertou!

THÉO – Ela finalmente desligou a vitrola!

MATTHEW – E tudo então começou:

ISABELLE – A ideia é estarmos calmamente fazendo as nossas coisas rotineiras, juntos ou não, lendo, dando cotações para os filmes – enfim, essas atividades entediadas – e, de repente, subitamente, intempestivamente, um de nós, acometido sem aviso prévio por uma memória distante, pararia tudo o que estivesse fazendo para encenar aos outros dois uma cena, perguntando em seguida\

THÉO – Qual filme?

MATTHEW – Ou: qual cena é essa?

ISABELLE – Enfim, jogos caseiros. Eu gosto de dar nomes às coisas todas.

Matthew insere Théo numa dessas encenações, sem que o outro perceba.

THÉO	MATTHEW
Eu\	Você\
Não. Você\	Sim. Você\
E eu. Nós dois\	Nós três, não? \

Théo emudece e depois retoma a tentativa de diálogo.

Eu quero dizer\	Por favor, diga\
Eu vou ficar em silêncio\	Pode confiar em mim\
Eu queria te dizer uma coisa\	Talvez eu não tenha sido sincero\

Ele olha para Matthew, intrigado.

Desculpe, eu me antecipei\	Mas podemos conversar depois\
Você quer mesmo me ouvir? \	Eu sou muito ansioso, perdão\
Mas, ontem, quando nos vimos\	Eu disse a você o quanto você\

Sorriem os dois, cientes do jogo.

Talvez pudesse confiar em mim\	As ruas estão cheias de gente\
Você não acha isso estranho? \	Você não acha isso lindo? \
O mundo sangrando lá fora\	E nós aqui dentro, sozinhos? \

MATTHEW – Diz o filme!

ISABELLE – Duas pessoas tentando dizer alguma coisa ao mesmo tempo?

THÉO – Não me falem, não me falem, esperem! Eu sei\

ISABELLE – É fácil. Ele descobriria o filme. Ele sempre descobre.

MATTHEW – Então fala agora ou vai pagar uma prenda!

ISABELLE – Eu tinha que descobrir um filme que ele não soubesse!

THÉO – Já sei!

ISABELLE – Ele adivinhou de novo!

MATTHEW – Você é foda, cara! Mesmo!

THÉO – Só não estou querendo é perder todo o meu dinheiro nesse jogo\

ISABELLE – As prendas começaram com notas e moedas\

Théo avança até à janela da sala, Matthew o acompanha.

THÉO – Tem alguma coisa acontecendo lá fora: um caminhão do corpo de bombeiros passa zunindo, suas sirenes emitem um som de lamento, as mangueiras enroladas no veículo como se fossem cabelos trançados, os homens reluzindo em seus uniformes vermelhos\

MATTHEW – Eu sempre tive uma queda por bombeiros. Enquanto ele me mostrava o caminhão cruzando a rua eu tive certeza disso.

Isabelle se afasta e, na poltrona, começa a leitura de outro romance.

ISABELLE – Eu peguei outro romance na prateleira, me sentei novamente na poltrona e observei os meninos olhando através da janela. Eu não via o que eles viam na rua lá fora, mas em troca, eu via neles o que eles ainda nem sabiam sobre si próprios. Se alguém pudesse descrever o que acontecia entre nós três, naqueles dias, eu não tenho dúvida: este alguém seria um romance.

10. PRENDA E MASTURBAÇÃO

Outra rodada, no quarto de Théo.

THÉO – Eu já vi?

ISABELLE – Assistimos juntos.

THÉO – Me dá uma dica.

ISABELLE – Ela vasculha o espaço.

THÉO – E o que mais?

ISABELLE – Pega um cigarro no maço com violência.

THÉO – Fala o nome do diretor.

ISABELLE – Bate o cigarro no maço produzindo sons curtos e altos\

THÉO – Qual é o ano do filme?

ISABELLE – E após uma tragada, ela diz\

THÉO – Ou o número de palavras do título!

ISABELLE – Que chiqueiro!

THÉO – Descrever o que você acabou de encenar não me ajuda. Por favor, eu nunca te pedi nada, me dá uma dica de verdade!

ISABELLE – Isso é tudo.

THÉO – Aposto que ele sabe!

ISABELLE – É óbvio que ele sabe, por isso eu perguntei para você\

THÉO – Escrota.

ISABELLE – O seu tempo acabou.

THÉO – Quanto eu te devo?

ISABELLE – Você já reparou que quando a gente paga um ao outro, na verdade, estamos pagando a nós mesmos?

THÉO – Não.

ISABELLE – Meu irmão, moramos na mesma casa, no final do dia juntamos o nosso dinheiro e compramos o quê?

THÉO – Queijo?

ISABELLE – Que seja. É uma punição falsa.

THÉO – E como eu devo te pagar pelo meu erro?

ISABELLE – Sabe aquilo que eu vejo – pelo buraco da fechadura do seu quarto – você fazer enquanto olha o retrato dessa moça?

THÉO – Eu sempre soube que morava um olho dentro do buraco da fechadura.

ISABELLE – Então, faz agora, na nossa frente.

THÉO – Eu não vou fazer isso.

ISABELLE – Não vai?

THÉO – Você não faria.

ISABELLE – Ela é até bonita, mas não faz meu tipo.

THÉO – Você é sádica.

ISABELLE – Você pode amarelar. Quer acabar com o jogo?

THÉO – Você vai assistir daí?

ISABELLE – Sim. Você na cama. Nós dois exatamente aqui, na sua frente.

THÉO – Eu desabotoei a camisa, desci a calça até os pés\

ISABELLE – Não! Pelo amor! Quantas vezes eu já disse para você não tirar a calça sem, antes, tirar as meias?

THÉO – Eu tirei as meias, desabotoei a camisa, desci a calça até os pés. Tirei a cueca e fiquei parado alguns segundos, olhando o meu pau, esperando ele acordar. Ele acordou. Ele sabia que todos nos olhavam. É isso aí, parceiro. Vamos juntos. Eu me ajoelhei na cama, em frente ao retrato oval. E comecei a me masturbar. Com força. Com movimentos secos e repetitivos.

ISABELLE – Você imagina uma cena. Tem uma ação principal acontecendo no centro do quadro. É para lá que todo o mundo olha. Mas acontece que nem sempre é no centro do quadro que a coisa acontece. Nós estávamos lado a lado quando, lentamente, eu virei minha cabeça para ver como ele olhava para tudo aquilo. E lá estava ele: boca seca por tanto desejo, olhos vidrados, mãos apertando as próprias coxas e a certeza absoluta de que o filme que ele assistia era ao vivo, tinha cheiro, se podia tocar.

MATTHEW – Eu não estou aqui.

Théo goza.

11. MONSTRO TRÊS COSTAS

Isabelle na poltrona, Matthew acuado contra a parede, Théo no controle.

THÉO – Tudo decupado. Roteiro milimetricamente pensado. Eu faria a cena do filme que eles não saberiam dizer qual é; ela perguntaria a prenda; eu diria; ela levantaria da poltrona – decidida – e tiraria a roupa; nós olharíamos para ele, que tentaria fugir; nós o pegaríamos pelos braços; na correria, a mão dele esbarraria no seio esquerdo dela; ele ficaria vermelho, muito vermelho; nós o crucificaríamos no chão, ela sobre as pernas dele e eu prendendo seus finos braços tal como no dia da crucificação; ela tiraria a cueca azul dele; o pau dele estaria escondido do mundo, envergonhado; minha irmã tem mãos divinas, ela acordaria o pau dele, que seria torto (eu também imaginei isso). Querem ver como eu estou certo?

Théo vai ao chão, reproduzindo o assassinato de um filme que só ele sabe.

THÉO – Qual filme?

ISABELLE – Podem ser tantos.

THÉO – Mais fácil ainda.

ISABELLE – Qual a prenda?

THÉO – Você não sabe a resposta ou não quer saber?

ISABELLE – Eu deixei meu livro sobre a poltrona e me ergui.

THÉO – E você? Sabe de que filme é essa cena que eu acabei de fazer?

MATTHEW – Eu não estou no jogo, você perguntou primeiro a ela\

THÉO – Não há regras que me impeçam de incluir você nessa rodada\

MATTHEW – Não faz isso, por favor!

THÉO – Qual filme?

ISABELLE – Qual prenda?

MATTHEW – Eu não queria me masturbar na frente deles.

THÉO – Eu quero que vocês façam amor na minha frente.

ISABELLE – Ok.

THÉO – Ele saiu correndo do quarto.

ISABELLE – No corredor?! Vai ser aqui, no corredor?!

THÉO – Não, no quarto de hóspedes, no chão, sob a pintura do Delacroix\

MATTHEW – Por favor, tudo menos isso\

ISABELLE – Eu tirei a minha roupa\

THÉO – Faltou tirar os óculos escuro.

ISABELLE – Vou tirar só na hora de trepar com ele.

MATTHEW – Eu sei uma dúzia de filmes em que essa cena acontece\

ISABELLE – É tão terrível assim a possibilidade de trepar comigo?

THÉO – Mesmo com o roteiro todo planejado, há sempre um imprevisto\

Matthew se afasta bruscamente dos irmãos e grita.

MATTHEW – Eu já vi vocês dois fazendo isso!

THÉO – Eu não escrevi essa fala!

MATTHEW – Eu vi! Juntos! Na cama!

THÉO – Apesar de bem recebido por nós, minha irmã, parece que o nosso convidado anda espionando a nossa intimidade pelo buraco da fechadura\

ISABELLE – Não foi pela fechadura. Foi pela porta entreaberta\

THÉO – Você realmente acha que a porta fica escancarada por acaso?

ISABELLE – Do que você tem medo, hein? De que a gente descubra que você não tem cu? Eu sempre achei que alguém como você, todo engomadinho, tivesse no meio da bunda apenas uma lua cheia rosada e lisa como a pele de um bebê. É isso o que você tem aí e não quer que a gente descubra?

THÉO – Isso o deixou ainda mais apavorado\

MATTHEW – Porra, vocês só fazem o que vocês querem fazer! Dois mimados, é isso o que vocês são! Vocês vão saltar para cima de mim, é isso?! Você, mais forte e musculoso que eu, vai me imobilizar sobre o carpete do quarto?! Vão tirar o meu tênis, as minhas meias?!

THÉO – E a sua virgindade\

MATTHEW – Vocês tiraram o meu casaco de moletom sem pedir licença!

ISABELLE – Você vai se debater, lágrimas despencarão de seus olhos e, tentando sobreviver, você vai ser indelicado e vai socar o meu peito esquerdo\

THÉO – Ele provavelmente nunca havia tocado uma mulher.

MATTHEW – Desculpe\

THÉO – Eles eram virgens. Minha irmã era virgem porque só havia feito amor comigo. Ele era virgem porque amor ele só havia feito consigo mesmo.

ISABELLE – Você vai continuar resistindo?

MATTHEW – Já desisti.

ISABELLE – Eu me sentei nele, uma perna de cada lado. Meu irmão prendeu as mãos dele no chão. Jesus morrendo na cruz por tanto prazer.

MATTHEW – Meu pau demorou a falar oi\

THÉO – As virilhas dele. Os pelos pubianos. Material bruto\

ISABELLE – Floresta escura sinuosa desabitada, cheiro de outro mundo\

MATTHEW – Se no futuro eu estivesse vivo, gastaria longas linhas tentando descrever o que eu senti quando ela se dispôs a moldar o meu pau com as mãos, como quem esculpe, a barro, um tanque de guerra.

THÉO – Por que alguém controla um arrepio? O corpo está querendo gritar, ser atravessado, quer ser caminho para o imprevisível (eu pensava nisso tudo enquanto mirava as costas dele, após ter largado seus braços, agora abraçados ao corpo da minha irmã). Ele: sexo suor saliva e repetidos espasmos. Do lado de fora, na rua que aprendemos a chamar de mundo, enfim, se vocês tivessem prestado atenção lá fora, ouviriam um tamborilar inexplicável de passos, uma sinfonia de sirenes e tiros. Minha prenda foi paga, enquanto o filme lá fora se escrevia sem que a gente tivesse consciência disso.

Dormem os três, juntos e entrelaçados.

12. MAIS UMA INTIMIDADE

Isabelle se ergue da poltrona e recita sua carta em voz alta.

ISABELLE – Prezada diretora, venho por meio desta, justificar a ausência de nossos filhos nas últimas semanas. Devido a uma hepatite viral, ambos necessitam de repouso completo. Diante este delicado quadro, meus filhos continuarão afastados até completa recuperação. Então eu forjaria a assinatura de nossa mãe, certa de que a diretora da escola jamais desconfiaria do que leu. E eu estava certa. Ela não desconfiou e aqui estamos nós\

MATTHEW – Livres, mas com fome.

ISABELLE – Vamos ao mercado.

MATTHEW – Acabou o dinheiro.

THÉO – Ninguém falou em dinheiro.

MATTHEW – Eu cansei de roubar comida do mercado.

ISABELLE – Mas a sua fome continua\

THÉO – Relógios congelados. Louças imundas. Restos de comida. Camas por fazer. Cortinas fechadas. Roupas se repetindo e circulando de um corpo ao outro. Até o dia em que usar roupa perdeu o sentido. Nus, nós três, presos numa liberdade sem sol, repetíamos nossos jogos caseiros até perder a distinção entre o que era vida e o que era sua mera representação.

ISABELLE – Eu vou cozinhar para vocês!

OS DOIS – Não!

ISABELLE – Sim!

THÉO – Você já cozinhou ontem\

MATTHEW – Deve estar cansada...

ISABELLE – Oi?!

THÉO – Eu confesso que ainda estou enjoado\

MATTHEW – Obrigado! Eu também. É verdade. Desculpe...

ISABELLE – E vocês têm outra opção para escolher, senhores?

Théo mostra sua nova descoberta, encontrada no fundo do armário.

THÉO – Ração de gato?

MATTHEW – Isso vai fazer mal.

ISABELLE – Finjam ser um prato exótico de um país ainda não inventado!

Ela abre a lata, eles comem, famintos e sem alternativa outra.

MATTHEW – Oi, mãe. Como a senhora está? Por aqui tudo ótimo, graças a Deus. Estou me sentindo cada vez menos estrangeiro aqui. Outra notícia boa é que eu não estou mais naquele hotel terrível que te descrevi na carta anterior. Estou morando com um casal de amigos, filhos de um poeta famoso que nos recita versos a cada manhã. Tenho ido à missa aos domingos e me confesso semanalmente. Saudades sua e do papai. Deus abençoe vocês\

THÉO – És um mentiroso\

MATTHEW – Só eu, né?

THÉO – O papai não é famoso\

MATTHEW – E nem recita poesias de manhã\

THÉO – Ele escreveu dizendo que só voltará no próximo mês, sabiam?

ISABELLE – Vigésimo dia. Banheira. Eu no meio, eles nas pontas. Pernas enganchadas. Nós três feito um monstro de três costas. Os limites dos corpos confundidos. Neblina de cigarro passeando entre bocas num fluxo sem fim nem destino. Cenário propício para um novo jogo\

THÉO – O triângulo da sinceridade?! Sério que o nome é esse?!

MATTHEW – Cada um conta uma verdade nunca dita antes, é isso?

ISABELLE – Não pode ser qualquer verdade. Tem que machucar.

Os três, entrelaçados dentro da banheira cheia de água e espuma.

ISABELLE – Por exemplo: estão vendo aquele vidrinho na prateleira sobre a pia? Está cheio de pílulas para dormir. Eu juntei por vários meses, dizendo à mamãe que estava sofrendo de insônia. Hoje eu tenho quantidade suficiente para dormir, não apenas por uma noite, mas para o resto da minha vida.

MATTHEW – Você não precisa mais querer se suicidar.

ISABELLE – Por que não?

THÉO – Quanto mais fria a água, mais a gente se enroscava um no outro.

MATTHEW – Ele estava voltando da guerra. Desceu do avião e veio caminhando com as mãos enfiadas nos bolsos. Minha mãe foi quem primeiro avançou sobre ele e o beijou, enquanto sorria e chorava. Então ela largou meu pai e eu o vi, passado tanto tempo. Eu não sabia como lidar com a situação. Nunca fui de abraçar e beijar meu pai, mas ali, voltando da guerra e sem um dos braços – justo o braço da mão que costumava cumprimentar a minha – eu simplesmente não soube o que fazer. E não foi porque ele perdeu uma parte do corpo, foi só porque eu vi que ele estava se sentindo absolutamente humilhado. Ele estendeu a mão que lhe restava e nos apertamos. É estranho. Foi preciso ele perder um braço para eu começar a amá-lo de verdade. Meu pai, pela primeira vez, vulnerável frente às coisas mais banais. Era como se perder o braço o tivesse transformado num ser humano por inteiro.

ISABELLE – E por que você acha que eu não preciso mais me matar?

THÉO – É uma linda história a sua\

MATTHEW – Porque eu te amo.

Escurece do lado de fora.

THÉO – Ok. Minha vez. A coisa para mim é mais simples. Eu estou sentindo ciúmes de vocês. Isso não é uma reclamação. No começo você era uma coisa nossa, uma coisa importada, vinda de fora. Mas, agora, eu virei o estrangeiro aqui. Ela deixou de ser minha irmã, eu virei o amante de vocês dois, sempre tentando interpretar o que seus olhos conversam quando suas bocas calam. Eu fico pensando se algum dia um ser humano vai conseguir mirar quatro olhos ao mesmo tempo para, enfim, dizer “eu te amo”. “Eu te amo” é tiro que se destina a um só peito, não?

MATTHEW – Você quer que eu diga?

ISABELLE – Papai ia amar ouvir seus versos...

THÉO – Vamos supor que eu levante agora dessa banheira. Você continua nela, minha irmã, sozinha no camarote, vigiando a vida fora de você. Ela fica, mas eu me levanto e te tiro daqui, junto comigo. Você se assustaria, é óbvio, você é cheio de medo porque é tomado por tantos desejos (que nunca vão caber nas suas confissões semanais). Por estarmos molhados você escorrega e vai ao chão. Eu deixo você cair porque você vai cair de bruços. Ao céu e a mim – agora seu Deus – você me oferece o seu cu, virgem, lindo, o seu cu é lindo. E suponha que eu escorregue sobre você, ainda de bruços, e deite sobre o seu corpo como um grampeador sobre uma folha de papel. Só que não haverá escândalo nem resistência porque você sempre quis algo assim, não? Eu sei que sim. Por isso eu enfio o meu pau no seu cu. Não com total habilidade, isso para mim é novo, apesar de não ser novo esse desejo que me toma e eu já nem sei se faço isso porque te desejo ou se é porque eu quero lhe causar dor e colocar você no lugar em que você me colocou. Dói. Muito. Mas a gente se acostuma. É só repetir. E ela assiste tudo, percebendo que o seu rosto anuncia expressões outras daquelas que você revela quando a mete profundo. É confuso mesmo, minha irmã. O ser humano é um abismo. É um negócio que não deu muito certo. Por isso você dá um suspiro e se rende por completo porque, finalmente, você assumiu o papel que sempre achou que a vida tinha lhe reservado. Você, um anjo martirizado, frágil e inocente, inspirando naqueles que são atraídos por você um desejo de proteção tão grande que a vontade que nos resta é apenas essa: a de te comer. Eu duro um bom tempo em você. Mas, relaxa. Tudo isso aqui é só uma suposição, é só uma hipótese, uma teoria, enfim, uma proposição.

MATTHEW – Isso é um convite.

ISABELLE – Página em branco para todo e qualquer desastre.

Ela observa os dois caídos sobre o piso do banheiro encharcado.

13.A RUA ENTRA

Um livro atravessa a janela, de fora para o dentro onde eles se escondem.

ISABELLE – Eis o livro que teima em contar a história da qual não queremos ser protagonistas.

THÉO – Qual título?

ISABELLE – “Os Inocentes”.

MATTHEW – Posso ler?

THÉO – Eu não faria isso se eu fosse você.

MATTHEW – Eu não sou você. E vice-versa.

Matthew pega o paralelepípedo entre os cacos de vidro ao chão e o lê.

MATTHEW – Um paralelepípedo, lançado com força do lado de fora, adentra a sala e estilhaçando o vidro aterrissa em cima da vitrola\

ISABELLE – Filho da puta! Ele destruiu o meu disco!

THÉO – Silêncio aqui dentro para ouvir melhor o que acontece lá fora\

MATTHEW – Ar, barulho e luz transformam o aqui, onde estamos\

ISABELLE – Ar intoxicante, barulho ensurdecador, luz que cega\

THÉO – Nossos olhos estão abertos?

ISABELLE – Eu não estou morta, estou?

MATTHEW – Nós chegamos à janela, abrimos as cortinas, olhamos à rua lá embaixo. A estreita e tortuosa ruela está amontoada de pedras e galhos de árvores arrancados. Tem uma grande fila de oficiais paramilitares vestindo capacetes e avançando como uma legião de colonizadores. Botas de couro pisam destroços já destroçados. Em suas mãos, luvas negras carregam cassetetes, rifles de assalto, escudos de metal.

THÉO – No extremo oposto aos militares, um carro virado pega fogo, como uma churrasqueira improvisada para assar uma grandiosa quantidade de carne humana.

Os três, apavorados e interessados, miram a vida pelo buraco da janela.

MATTHEW – Lá atrás, vocês conseguem ver? Transbordando as calçadas, braços jovens se abraçam, liderados por uma Joana d'Arc moderna que traz uma enorme bandeira vermelha que dança e tremula na brisa dessa noite\

THÉO – Faz quanto tempo estamos presos aqui?

ISABELLE – Estamos aqui faz toda a nossa vida\

THÉO – É esse o problema\

MATTHEW – São jovens, como a gente é, e cantam enquanto marcham, cantam sem vergonha e ainda olham para todas as pessoas que os vigiam através das janelas – como nós fazemos agora.

THÉO – Isso sim é um convite.

ISABELLE – Eu pensava que o meu disco tocando era a trilha aqui de dentro, mas só agora me parece ser a trilha ideal para a paisagem lá fora.

THÉO – Tem outro filme passando lá fora.

MATTHEW – Filme do qual nós somos apenas meros espectadores\

ISABELLE – E sequer somos os ratos da primeira fileira da Cinemateca\

THÉO – Faz quanto tempo não falamos mais da Cinemateca?

MATTHEW – A gente aqui dentro, mas hoje lá fora é só o que existe agora.

THÉO – Eu quero descer.

Resta a porta do apartamento aberta.

14. PARIS PAREDES PICHADAS

Os três, pela cidade, perplexos com a vida e os muros pichados com falas.

ISABELLE – Choveu.

MATTHEW – Tudo molhado: calçadas, carros e jaquetas policiais.

THÉO – “As paredes têm ouvidos, seus ouvidos têm paredes”.

ISABELLE – Choveu muito.

MATTHEW – O carro que pegava fogo agora solta fumaça.

ISABELLE – Nos cafés algumas pessoas leem seus jornais\

MATTHEW – Como se as notícias não falassem sobre esse agora\

ISABELLE – Que gente é essa?

MATTHEW – Somos nós. Ou éramos.

THÉO – “Todo poder abusa. O poder absoluto abusa absolutamente”.

MATTHEW – Cidade toda pichada.

THÉO – “Aquele que fala de revolução sem querer mudar a vida cotidiana, este tem um cadáver na boca”.

ISABELLE – Estranha sensação de pausa, uma suspensão, talvez\

THÉO – “Sejam realistas, exijam o impossível”.

MATTHEW – Como num set de filmagem. Tudo pronto para rodar o fim de uma cena ainda não concluída. Cenários, figurinos e atores prontos\

ISABELLE – Todos esperando o comando do diretor\

MATTHEW – Mas a questão é que não sabemos como chegamos até essa cena e, por isso, não temos como prever o que virá a seguir.

Estampido. Muitos tiros.

Zunido longo ainda presente em seus ouvidos feridos. Eles agora estão numa sala cheirando a éter, junto a outras pessoas, já mortas.

ISABELLE – Eu não consigo enxergar nada. Só tem escuro.

THÉO – Me dê a sua mão.

MATTHEW – Gás lacrimogênio. Demora a voltar a enxergar.

ISABELLE – Onde estamos?

THÉO – Faculdade de Medicina.

MATTHEW – “Parem o mundo, eu quero descer”.

ISABELLE – Isso estava escrito nos muros da cidade\

THÉO – Dentre milhões de outras coisas\

MATTHEW – Não são coisas! São falas, gestos, são atos!

ISABELLE – Onde estamos?

THÉO – Isa, nós estamos dentro de um necrotério.

MATTHEW – Mas ainda estamos vivos\

THÉO – Calem a boca por um instante.

A visão vai retornando. Estão escondidos do mundo (em meio aos mortos).

ISABELLE – Você trouxe o livro?

MATTHEW – Isso é uma pedra!

THÉO – Foi esse livro que eu lancei contra o crânio daquele policial\

MATTHEW – Eu tentava salvar um pobre coitado sangrando no chão\

ISABELLE – Você não vai dar conta de salvar o mundo inteiro\

MATTHEW – Eu não posso com injustiça\

ISABELLE – É assim que se morre mais cedo que o normal\

MATTHEW – O que vocês querem tanto preservar, hein? A saúde de vocês, sua voz, sua beleza, o seu jeans? Olhem o que está acontecendo aqui fora\

THÉO – Nós estamos dentro de um necrotério\

ISABELLE – Não estamos presos aqui dentro, estamos?

MATTHEW – Estamos lacrados outra vez! Que merda!

THÉO – Nunca estivemos tão soltos. É esse o problema.

MATTHEW – A gente quer liberdade, mas não sabe brincar com isso.

ISABELLE – E o que diz o livro?

THÉO – Ruas cheias de barricadas, polícia agredindo todo o mundo\

ISABELLE – Nossos olhos e narizes irritados ainda por quanto tempo?

MATTHEW – Alguma pista para onde devemos ir?

THÉO – Aqui diz\

ISABELLE – O quê?

THÉO – Que você\

MATTHEW – Você o quê?

THÉO – Não eu. Você.

MATTHEW – Diz o que sobre mim?

THÉO – Que você morre no final dessa história.

As luzes do prédio da faculdade de Medicina piscam. Barulhos do lado de fora. Gritos e bombas. As luzes são cortadas por definitivo.

THÉO – Você morre no final dessa história.

ISABELLE – Como?

THÉO – Eu não sei como. Eu não vou conseguir ver.

ISABELLE – E eu?

THÉO – Você também não.

ISABELLE – Você não vai falar nada?

MATTHEW – Por que eu tenho que morrer?

ISABELLE – Porque talvez você seja o mais carismático de nós três.

MATTHEW – Foda-se! Todo dia morre gente! Morre gente o tempo todo! Qual é a novidade? Que eu vou morrer?! Eu sempre soube disso! Chega! Não aguento mais viver escondido! Vamos sair dessa cova!

ISABELLE – Está escrito: vamos sair e encontrar o Charles.

MATTHEW – Quem é Charles?

ISABELLE – Deve ser aquele seu amigo metido à besta, irmão\

THÉO – É. Mas diz aqui que ele mudou bastante depois de viver um tempo na Mongólia, junto a uma tribo nômade.

Saem da faculdade e caminham pelas ruas passando por escombros e pequenas fogueiras alimentadas por entulhos.

MATTHEW – Mudou o cheiro aqui fora, vocês percebem?

ISABELLE – Não mais éter.

MATTHEW – Cheiro de rua. Escuridão. Céu vermelho\

ISABELLE – Abre o livro, Théo\

MATTHEW – Isso é uma pedra!

THÉO – Livro-pedra. Não vamos mais discutir sobre isso\

ISABELLE – Página 82. Quando Charles aparece. Você pode fazer ele?

MATTHEW – E quem vai me interpretar?

ISABELLE – Você não vai falar nada nesse encontro com Charles porque o nosso francês é muito rápido e você não consegue acompanhar.

Cruzam a rua rentes ao chão. Neblina tóxica no ar. Alguém acena a eles, através da vitrine de uma livraria. Eles entram no recinto. Aconchego.

CHARLES – Théo! Quanto tempo!

THÉO – O que está acontecendo aqui fora?

ISABELLE – Livraria cheia de jovens usando lenços vermelhos.

THÉO – Aqui fora eu quis dizer o mundo. O que está acontecendo?

CHARLES – Onde diabos vocês estavam?

THÉO – Fora...

CHARLES – E como conseguiram entrar de volta ao país?

ISABELLE – Nós estávamos na lua, Charles.

CHARLES – Sempre irônica, não, Isabelle?

ISABELLE – É minha maneira de lidar com a minha ignorância. Mas eu sinto que eu vou mudar depois de tudo isso.

CHARLES – Depois que o curador Henri Langlois foi demitido da Cinemateca Francesa, o espírito de revolta tomou conta da cidade. Não foi só a universidade, nem só a cidade! Toda a França em greve: telefones mudos, bancos fechados, correio paralisado, nenhuma gota de combustível. Greve geral, estudantes e trabalhadores unidos contra um mesmo inimigo.

THÉO – Que inimigo?

CHARLES – Porra! O Estado! Esse cara com uma tromba enorme querendo ditar o que a gente pode sentir, o que a gente pode fazer, que roupa devemos usar, a disciplina, o dever, o dever! Já leram isso?

ISABELLE – Isso é uma pedra.

CHARLES – Não, porra, isso é um livro! Mas se ele não te move a sair do lugar, se ele te faz apenas ficar lacrado dentro de casa conversando com fantasmas, aí sim o livro vira pedra e a sua vida continua sendo essa mentira que, pouco a pouco, vai te correr e te cegar!

ISABELLE – Já entendi, Charles!

CHARLES – É “O Capital”. Vocês precisam ler e entender a engenharia desse mundo rendido pelo dinheiro para aprender a tomar posição, a tornar ação tudo o que a gente não cansa de dizer! Práxis! Vida prática! Entenderam?

THÉO – Eu adoraria comprar uma edição, mas estamos sem dinheiro.

CHARLES – Puta que pariu! Quem falou em comprar?

THÉO – Qual é o problema?!

CHARLES – Puta que pariu! PQP! Pague quanto puder! Pague quando puder! Peguem o livro. Levem. Devolvam. Passem adiante. Já é hora de lidarmos com as coisas sem que elas tenham que ser apenas nossas.

ISABELLE – Hoje é quando?

CHARLES – Maio de 68. É sério: onde vocês estavam?

THÉO – Aqui em Paris\

ISABELLE – Vendo um filme dentro de outro filme.

CHARLES – É. É mais fácil viver a realidade de um filme do que a vida propriamente dita, não? Por isso temos que acabar com as obras-primas! Temos o direito de dizer o que foi dito e mesmo o que não foi dito de um modo que seja nosso, imediato, direto, que responda ao nosso jeito de sentir as coisas! Chega de Mozart, da Vinci, chega de Hitchcock e de Shakespeare!

THÉO – Você não precisa matar Shakespeare para isso!

CHARLES – Sim, precisamos! O próprio Shakespeare é responsável por essa ideia desinteressada do teatro que quer que uma representação teatral deixe o público intacto, sem que uma imagem lançada provoque qualquer abalo no organismo, imprimindo nele uma marca que não mais se apagará!

ISABELLE – Isso foi uma lição de moral, Charles?

CHARLES – Não, isso é um manifesto! Está dito! Se existe alguma coisa acontecendo agora ela diz respeito a tudo, menos à moral. A moral está nos matando e por isso vamos assassiná-la! Um novo mundo está vindo, meus amigos. E nesse meio tempo, alguns monstros nascem, mas eles cairão depois disso! Eu passei por um senhor vindo para cá e ele gritava: vocês estão destruindo a história! E eu zombei dele, com razão: nós estamos escrevendo outra história, seu otário! Nós estamos escrevendo outra história!

THÉO – Você está mesmo diferente, Charles.

CHARLES – Deixa eu pagar uma Coca Cola para vocês. E um ou dois ou três hambúrgueres. Quem é ele?

Matthew repassa o livro a Théo. Há um espaço vazio entre eles. Eis o lugar que agora Matthew ocupa para voltar a ser ele mesmo. Ele cumprimenta Charles que, por agora, foi tornado espaço vazio.

MATTHEW – Prazer, me chamo Matthew.

Isabelle observa na distância a situação dos três. Théo fala ao vazio.

THÉO – É um amigo novo, recente, veio dos Estados Unidos. Nós estávamos no apartamento, descemos às ruas, ele tentou ajudar um cara ferido, um policial surgiu, chutou o tornozelo dele, ele tentou se defender, não conseguiu, ia ser deportado, eu surgi com essa pedra e a joguei na cabeça do policial, ele caiu, fugimos, entramos na faculdade de Medicina, saímos de lá e agora estamos aqui com você\

Mais um jogo de representações. Matthew, com ímpeto, volta a ocupar a posição de Charles, ainda mais destemido, e rouba o livro de Théo.

CHARLES – A pedra, no caso, é esse livro aqui?

THÉO – Dá no mesmo\

CHARLES – E que merda de livro é esse?

ISABELLE – Um romance bobo sobre três jovens burgueses que acham que o mundo gira ao redor do umbigo deles, mas que por conta de uma pedra que atravessa a paz do seu apartamento privado, acabam sendo forçados a descobrir o mundo vivo e doendo do lado de fora\

CHARLES – Parece bacana, mas prestem atenção porque daqui a pouco começa a maior manifestação de todas! O plano foi divulgado: marchar até à televisão e denunciar a cobertura porca e mentirosa que eles estão fazendo e depois seguir em silêncio até à prisão onde estão nossos companheiros\ Porque eles pensam que o medo da morte é capaz de nos segurar. Mas quem disse que a gente teme a morte? O que eu temo é esse controle todo querendo ordenar a nossa vida! A minha vida! O cu é meu e eu dou para quem eu quiser, se eu quiser! Não poder ser quem a gente é, é o mesmo que viver a morte em vida! Daqui a pouco, essa cidade vai estar entupida de tanta gente que não será possível a essa polícia escrota nos controlar! Quem governa são poucos, mas os governados somos nós e, juntos, somos muitos! No dia em que a gente se posicionar, acabou para eles! E esse dia chegou, esse dia é hoje!

ISABELLE – Nós estávamos na livraria quando na televisão, às onze e quinze da noite, com um buquê de microfones enfiado na cara, o chefe da polícia resolveu se pronunciar\

Théo rouba o livro das mãos de Matthew e lê o pronunciamento da polícia.

THÉO – Página 91. O cara vai dizer: eu também já fui estudante, na juventude, como vocês são agora. Eu já levei pauladas da polícia. Por isso, naturalmente, me solidarizo com vocês. Mas, no fim das contas, e talvez vocês só compreendam isso depois desse agora, tudo tem limite. Se as praças dessa cidade, até a meia noite, não estiverem vazias, nós teremos que limpar a área.

15.A ÚLTIMA MANIFESTAÇÃO

Primeiríssimo plano em Isabelle.

ISABELLE – Falo por mim. Falo pelos meus joelhos, ralados. Falo por esse batom que não sai dos meus lábios posto seja sangue e não maquiagem. Falo através do desespero que é ver um amigo ser espancado por policiais. A cabeça indo e voltando. O crânio sendo batido contra as grades de um prédio qualquer e fazendo música brotar do ferro. Hoje eu falo por ter usado pela primeira vez a minha cara para outra coisa que não apenas para espiar, que não simplesmente para rir e condenar o outro. Não há heróis nessa história, ok? Eu não quero esse papel para mim. Herói é coisa espetacular demais para uma história tão fácil de ser esquecida. Por isso eu amo os livros. Porque eles ainda têm o poder de nos lembrar do que não pode, daquilo que não deve – ou, ao menos – não deveria ser esquecido. Eu me chocava contra policiais enquanto Théo, meu irmão, era também espancado. O gosto de sangue alterando o matiz de nossa tela ainda não toda pintada. Matthew estava longe, eu não vi, não tive tempo de olhar porque meus olhos ardiavam sob socos seguidos e concatenados. Eu não vi o que ele fez e, depois, não teria tempo de pedir explicações a ele. Mas vejam o quadro: ele, apavorado e destemido, sobre uma barricada de entulhos com uma bandeira vermelha tremenda e tremeluzindo, ele – eu imagino – tentando chamar a atenção dos policiais para que eles parassem de machucar seus amigos, nós, eu e meu irmão. E assim se deu até que um tiro soou alto e o fez tombar sobre o asfalto.

Isabelle e Théo, ensanguentados, correm até o amigo que despenca, em câmera lenta, ao chão coberto de ruínas entulhadas.

THÉO – Ei, amigo, você consegue me escutar?

ISABELLE – Meu irmão segurou a cabeça de nosso Matthew e a deitou sobre o seu colo. Matthew não disse nada, a boca entreaberta, já lhe faltando

o ar, o peito explodido e vermelho feito um homem-rosa no instante em que desabrocha para, enfim, começar a morrer.

THÉO – Você tem espuma na boca, cara. Mas hoje não é por causa da pasta de dentes, né? Você está morrendo, Matthew.

ISABELLE – Era isso. Um dia a gente descobriu que as pessoas não apenas morrem sozinhas, como também morrem vivas.

THÉO – Isa, ele está tentando falar alguma coisa\

ISABELLE – Não, irmão. Ele está tirando um último retrato. Vê? Os olhos dele, tentando capturar o último quadro da nossa história?

Théo se debruça sobre Matthew para beijá-lo. Matthew reage e afasta com a mão o rosto do amigo.

MATTHEW – Sem beijo de despedida, ok? Por agora, só o que eu desejo é dizer a vocês que não é triste que isso tenha acontecido. Não é triste que isso esteja acontecendo agora. Por favor, eu peço que não transformem esse momento num drama barato que lança mão da morte para emocionar os olhos e cegar a vista, drama para ensurdecer ouvidos e tornar mais simples a complexidade dessa merda que é a vida. Existe algo mais importante que o gesto de morrer abre ao mundo: que é ter a sabedoria sobre o que acaba de passar por nós e que a gente nem tinha visto chegar. E só quem morre pode dizer. Por isso eu pergunto a vocês, meus amigos: onde nós estávamos quando outros, antes de mim, morreram da mesma forma? Onde estávamos quando outros por nós lutavam? Onde vocês vão estar, quando daqui a cinquenta anos, mais uma vez, uma multidão se voltar contra o poder para defender aquilo que precisa continuar sendo comum a todos? Onde vocês vão estar? No seu apartamento? Assistindo novelas? Vendo filmes? Comendo pipoca? Batendo panelas? Tomando Coca-Cola? Onde estarão vocês que não apenas aqui, na rua, nesta rua, ralando-se neste mesmo asfalto em que outros, antes de nós, já se ralaram?

16. CINEMA REALIDADE INTOLERÁVEL

Os irmãos escovam os dentes em frente ao espelho do banheiro.

ISABELLE – Ingressos comprados.

THÉO – Quantos?

ISABELLE – Três, claro.

THÉO – Penso que nunca mais um filme vai conseguir desenhar um quadro tão lindo como aquele.

ISABELLE – Do Matthew sem fala?

THÉO – É. E oferecendo a nós o seu sorriso vermelho, tão cheio de amor e paixão, sorriso coágulo brilhando aberto e hemorrágico no início daquele ano\

ISABELLE – Daquele ano que nunca mais terminou\

THÉO – Em nós\

ISABELLE – Nem no mundo.

THÉO – É. Nem no mundo.

Os irmãos a caminho da reabertura da Cinemateca.

ISABELLE – Dói?

THÉO – Sim. E em você?

ISABELLE – Também.

THÉO – Estamos vivos?

ISABELLE – Dói muito.

THÉO – Sim. Estamos vivos.

Nunca mais os três novamente. A partir dali, só em romance. Ou num filme. Numa peça de teatro. Numa obra de arte talvez.

É noite. Paris, outubro de 1968. A Cinemateca reabre.